



98

**CANSADOS DE RECLAMAR DA
OPRESSÃO E DA FALTA DO VIL METAL,
ARTISTAS CRIAM MOEDAS E CIRCUITOS
ALTERNATIVOS QUE PROPÕEM
UM NOVO RUMO AO CAPITAL**

GISELLE BEIGUELMAN

a arte de FABRICAR DINHEIRO

MUITO SE TEM FALADO DA BITCOIN, moeda que não é emitida por nenhum banco central, só existe na internet e é acumulada em forma de arquivo. Parece brincadeira, tipo Banco Imobiliário, mas é uma moeda cotada a US\$ 18! Mas a bitcoin não é a única forma de dinheiro nativa da internet. Sem se preocupar com criptografia e mercado financeiro, artistas estão criando moedas e bancos próprios que propõem modelos alternativos aos sistemas macroeconômicos. Trata-se de um conjunto de ações críticas que têm pensado a ideia de economia criativa para além do imediatismo do circuito de produção-consumo. Elas engendram mercados paralelos e formulam novas regras para a circulação da arte na era das redes. Deslocam a discussão sobre o mercado de arte para uma reflexão sobre a cultura da economia.

O modelo do software livre é a base de vários projetos que propõem mecanismos comunitários de aproveitamento e gestão de recursos naturais e culturais. Compartilhamento de informações, metodologias de criação e trabalho remoto e em rede, pautados pela democratização do acesso ao conhecimento, e investimento em capacitação de autogestão são algumas de suas características. Um dos casos mais interessantes dessa nova economia pautada pelo padrão open source é o do Circuito Fora do Eixo, uma rede de pequenos produtores concebida em 2005 por produtores culturais de Cuiabá (Mato Grosso), Rio Branco (Acre), Uberlândia (Minas Gerais) e Londrina (Paraná). A rede cresceu e hoje tem nós por todo o País, sendo responsável por muitos festivais, incluindo iniciativas internacionais, e um bem estruturado portal on-line com uma importante base de dados e uma forte rede social. Nas suas palavras, Fora do Eixo mostrou “ser possível produzir em escala autossustentável, pautando-se, sobretudo, no contato direto com produtores de outros estados, através de uma rede de informações e sob uma lógica da união de pequenos em prol de grandes ações”.





Time Notes, projeto do artista argentino Gustavo Romano em que é possível recuperar o tempo perdido e solicitar empréstimos de tempo, rendeu uma exposição na sede do Banco Mundial, em Washington



TIME NOTES

<http://www.timenoteshouse.org>

É lugar-comum dizer que tempo é dinheiro, mas, no caso do projeto do artista e curador argentino Gustavo Romano, esse ditado é lei. Ele criou um banco em que é possível recuperar o tempo perdido, solicitar empréstimos de tempo e consultar sua base de dados sobre desperdício de tempo. Em um ano ele já conseguiu implantar escritórios dessa rede bancária em Cingapura, Berlim, Buenos Aires e várias outras cidades. O projeto é um desdobramento de uma pesquisa maior do artista, o laboratório nômade de discussão de problemas globais Pshychoeconomy. Rendeu a Romano uma exposição no prédio do Banco Mundial, em Washington, onde apresentou suas teses. O relato da experiência pode ser conferido no e-book Mis 10 Días como Consultor del Banco Mundial, disponível para download no site.

100 VALORES REINVENTADOS

ARTISTAS NÃO SÓ EXPANDEM AS FRONTEIRAS DO PENSAMENTO E DA PRÁTICA ECONÔMICA, COMO TAMBÉM CONFRONTAM SEUS VALORES. IRONIZAM SÍMBOLOS DE EFICIÊNCIA E QUESTIONAM OS PARÂMETROS DE ORGANIZAÇÃO DO MERCADO

P2P CREDIT CARD

<http://www.p2pgiftcredit.com>

Lançado em dezembro de 2010, esse cartão de crédito idealizado pelo italiano Paolo Cirio, conhecido por seus projetos artísticos com Alessandro Ludovico, tem por princípio as regras da Economia da Doação (Gift Economy). Não se trata de moeda alternativa, explica Cirio, mas de criação de dinheiro falsificado baseado no sistema de cartões de crédito e nas regras do fair use. Cirio sugere que é urgente pensar em um novo design para o dinheiro. Isso passa por dar às pessoas a capacidade de administrar democraticamente as emissões, engajando as comunidades em um processo de criação de dinheiro e regulação dos recursos. Ao inscrever-se (basta seu e-mail ou celular), você receberá o seu número e 100 libras esterlinas (falsas). Mas, para que seu cartão seja ativado, é obrigatório dar um cartão para um amigo. Seu crédito cresce na medida em que você traz mais pessoas para a sua rede.



Introducing the P2P Credit Card
Activate your card now and receive £100 of free credit!

This unique credit card helps with all your everyday costs, and is a revolutionary way to create credit for your relatives and friends.

Thanks to our innovative person-to-person system, you can generate more credit via emails, web, SMS texts, and any other personal media, by creating new virtual credit card numbers.

And each time you make new card numbers, you will receive more awesome rewards!

£100 FREE GIFT CREDIT!



BASIC CREDIT NETWORK

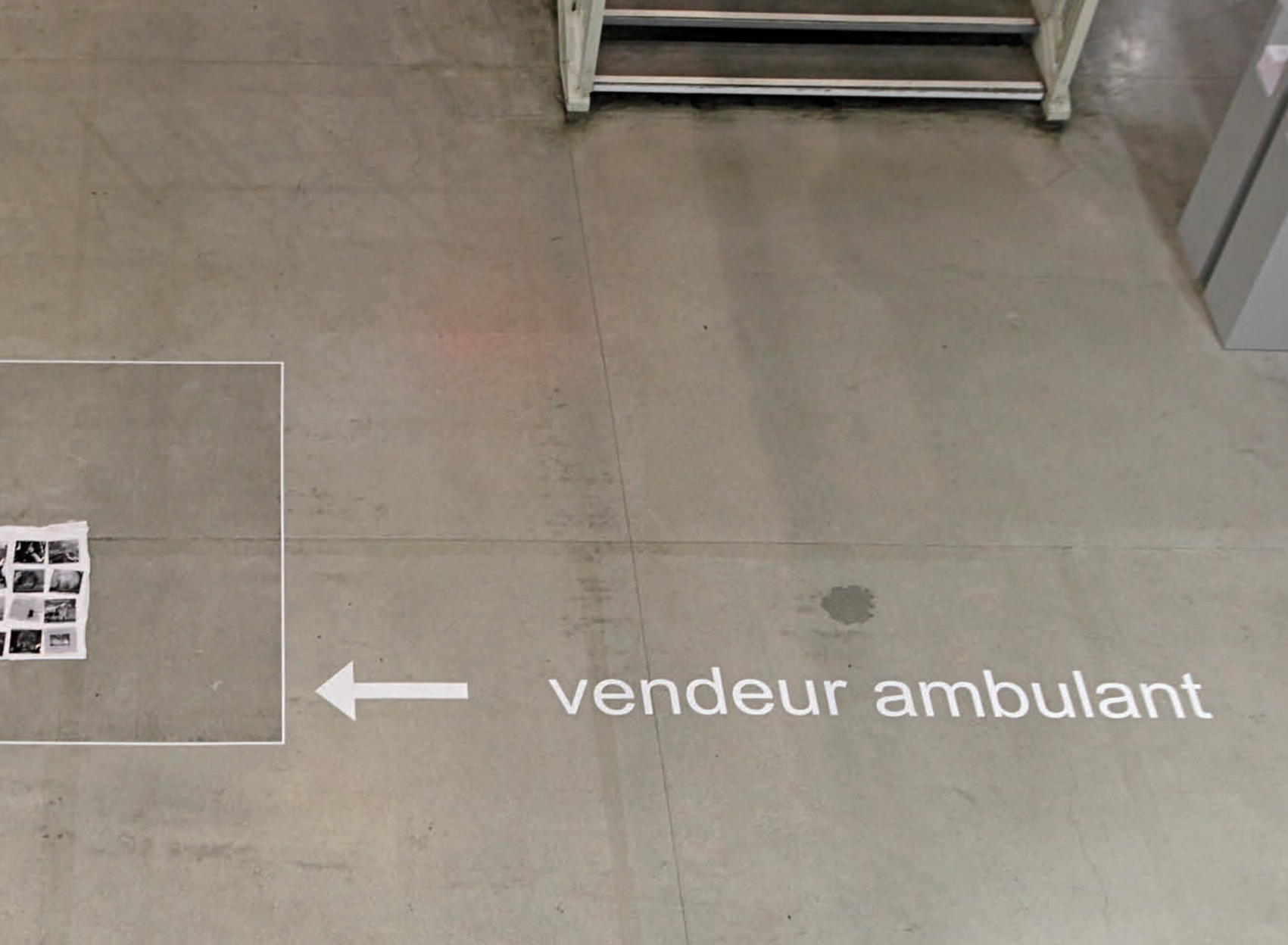
is unlike any financial institution you've ever dealt with.

Its worthy purpose, to provide you with easy and safe credit, relies on an innovative sustainable finance program.

The Peer-to-Peer credit card is issued through the Global Basic Credit program, for people who need financial assistance without being squeezed by unaffordable interest and fees.

To activate your card, please visit www.P2PGiftCredit.com type your email, and get your free £100 Gift Credit today!

No Activation Fee, No Monthly Fees, No Load Fees, No Transaction Fees, 0% APR. for ever, No Credit Check, Simply free of hidden charges!*



O camelô museografado: no projeto *Ip Détournement*, Tania Bruguera colocou cópias da coleção de vídeos do Centro Pompidou à venda por 1 euro cada

IP DÉTOURNEMENT

Entre 8 e 13 de setembro de 2010, a artista cubana Tania Bruguera participou do fórum *Voir/Revoir* (ver/rever), do Centro Pompidou, em Paris, que dava carta branca aos artistas para explorar a coleção do museu. Com o projeto *IP Détournement* (IP pour Propriété Intellectuelle), Bruguera aproveitou para colocar em questão os modos de difusão, recepção e apropriação de obras de arte. Ela contactou cem artistas da Coleção de Novas Mídias do Museu Nacional de Arte Moderna do Centro Pompidou, solicitando autorização para vender cópias pirateadas de seus trabalhos a 1 euro cada. Sessenta e três responderam positivamente

e a artista montou algumas banquinhas na piazza em frente ao museu e dentro do próprio espaço museográfico. “Esse dispositivo conduz a uma reflexão sobre a circulação de obras de vídeo e novas formas de apropriação”, avalia Etienne Sandrin, curador do Departamento de Novas Mídias do Centro Pompidou, em texto publicado no site do museu. Mais que isso, coloca em discussão a urgência de o mercado e as instituições repensarem a noção de valor em um mundo cujos bens, por serem produzidos em formato digital, tiveram abolidas as diferenças entre original e cópia. Afinal, qual é a diferença entre um arquivo gravado no disco rígido do seu computador e a cópia no seu pen drive? Enfrentamos, por isso, a era da cultura dos originais de segunda geração, como definiu o teórico norte-americano Peter Lunenfeld. O valor das coisas e das obras, nesse contexto, vai ter de ser reinventado.

FALA, TANIA BRUGUERA**O compartilhamento é prática fundamental da cultura digital e do código aberto. Mas isso altera a posição de artistas, instituições e sociedade em relação aos direitos autorais?**

Nas culturas digital e de código aberto há uma mudança em relação à ideia de compartilhar. Mas essa ideologia, originalmente ligada à internet, é criminalizada quando sai do âmbito pessoal e entra no campo do “produzido”. Parece que se quer deixar claro que qualquer um que tente criar uma sociedade (virtual ou real) baseada em critérios diferentes de acumulação de capital será sinalizado como suspeito e rastreado. Essa perseguição da solidariedade me faz pensar na ideia que está sendo infiltrada por alguns na internet a respeito da liberdade de expressão. Por sorte, a internet é infinita, o que a torna mais resistente a uma unidade ideológica imposta por poucos. Mas a cumplicidade entre Estado e corporações está gerando uma batalha legal que reduz a delinquentes aqueles que pensam de maneira diferente. Soma-se a isso a internet-lixo, que prolifera como um vírus. Nesta época de economia do conhecimento, acesso e acumulação de capital significam acesso e acumulação de informação. Mas acho entediante que estejam usando os mesmos sistemas de câmbio da velha sociedade de economia capitalista. O que está sendo feito de interessante na internet é criar maneiras de conceber valor, de criar moedas que não sejam barras de ouro, mas atitudes em relação a outros seres humanos. Ambos são conceitos igualmente abstratos, mas, enquanto o ouro pertence ao campo da geologia, a ideia de compartilhar pertence ao conceito de sociedade e isso tem de evoluir.

A predisposição do mundo da arte, dos artistas e das instituições em relação aos direitos autorais? Depende do que cada um aspira como status social e qual é sua ideia sobre a arte como produto. Talvez alguns, influenciados pela energia que emana do compartilhar virtual, revejam suas posições, mas não estou segura de que isso seja um processo proselitista. Esse é um tema que todos falavam a portas fechadas e agora eles têm de se posicionar publicamente. Aí começa o jogo das hipocrisias institucionais e aí incluo os artistas.

Por que pedir permissão ao Centro Pompidou para vender DVDs falsos no projeto IP Détournement? Esse ato não deveria ser proibido, para ser um verdadeiro ato de pirataria?

Os DVDs não eram falsos, mas sim material original pirateado, para ser distribuído ao preço de 1 euro na *piazza* e nos arredores da instituição. Copiamos os trabalhos filmando-os sem autorização no centro de documentação do museu. Outros foram enviados diretamente pelos artistas contatados, pois para alguns era importante garantir a qualidade da cópia. Só distribuímos obras que pertenciam à coleção. A instituição distanciou-se do que aconteceu no espaço “exterior” ao museu e toda responsabilidade, no caso de acontecer algum problema legal, recairia sobre mim. Esse foi o acordo. A carta enviada aos artistas foi assinada por mim e revisada pela instituição, para assegurar-lhes que não estariam legalmente envolvidos. Mais que nada, essa obra é uma crítica institucional, usando a arte de conduta como meio (*Arte de Conducta é um projeto artístico que Tania Bruguera desen-*



volve em forma de aulas e grupos de estudos, que considera a conduta como meio de expressão). A crítica institucional não era ao museu ou à sua coleção, mas aos artistas e sua participação nesse jogo de valores agregados. A obra se fazia em dois momentos: primeiro, quando os artistas reagiam à carta, posicionando-se de um lado ou de outro, pois a condição para participar da exposição era autorizar a venda. Depois, quando as pessoas compravam o DVD fora do museu, entrando na fantasia do proibido e do jogo com anarquia. Mas há também todo o processo de negociação com a instituição, e como muitos dos que trabalhavam lá compravam secretamente os DVDs copiados. Em um momento, falou-se inclusive em incluir na coleção os DVDs em versão pirateada. Em caso de compra, minha opinião era de que o museu também pagasse 1 euro. Foi muito interessante visualizar os processos de valorização e cumplicidade intrínsecos ao trabalho das instituições no mundo da arte. E constatar que, realmente, é ridícula a forma como se tentam impor, a mídias como o vídeo, valores aplicáveis às obras únicas. É como se essa fosse uma estratégia para sentir-se popular dentro de uma classe especializada. A reação das pessoas ao trabalho foi incrível. Como pirateávamos dia a dia, as pessoas vinham diariamente ver o que havia de novo. Foi maravilhoso ver como negociavam, reservavam os discos, e a ansiedade que tudo isso gerou. Também houve aqueles que trataram de alterar o sentido da obra, ao me proporem a compra da coleção de discos e do pedaço de lençol sobre o qual estiveram expostos dentro do Centro Pompidou, como relíquias. Eu recusei, porque isso negava o gesto que essa obra queria provocar naquele lugar.

Paula Alzugaray

(Leia a íntegra da entrevista em www.select.art.br)